

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

FLAVIA PAZUCH PINTO

**CIRCULOS RESTAURATIVOS E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA:
RESTAURANDO RELAÇÕES EM FAMÍLIAS DE LGBTQIA+**

**São Borja
2019**

FLAVIA PAZUCH PINTO

**CIRCULOS RESTAURATIVOS E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA:
RESTAURANDO RELAÇÕES EM FAMÍLIAS DE LGBTQIA+**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Cultura de Paz e Práticas de Comunicação Não Violenta da Universidade.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Barros de Oliveira.

**São Borja
2019**

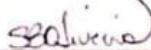
FLAVIA PAZUCH PINTO

CIRCULOS RESTAURATIVOS E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA:
RESTAURANDO RELAÇÕES EM FAMÍLIAS DE LGBTQIA+

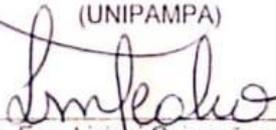
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado, como requisito parcial para
obtenção do Título de Especialista em
Cultura de Paz e Práticas de
Comunicação Não Violenta pela
Universidade.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 19/10/19

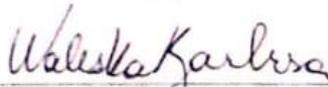
Banca examinadora:



Profa. Dra. Simone Barros de Oliveira
Orientadora
(UNIPAMPA)



Profa. Esp. Lisiani Guimarães Scalco
(UNIPAMPA)



Profa. Ms. Waleska B. Barbosa
(UNIPAMPA)



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E CULTURA DE PAZ

Aos 19 dias do mês de Outubro do ano de 2019, às 17 h 30 min, na sala 2104 da UNIPAMPA, Campus São Borja, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso em Práticas de Comunicação Não Violenta e Cultura de Paz, intitulado “Círculos Restaurativos e Comunicação não violenta: Restaurando Relações em famílias de LGBTQIA+”. A produção, do(a) acadêmico(a) pós-graduando(a) Flávia Pauch Pinto, foi avaliada pelos professores: Luciani Guimarães Scalco, Waleska B. Barbosa e Simone B. de Oliveira (orientador/a). Transcorridos os procedimentos legais previstos à realização e deliberação quanto à banca examinadora e registrado o resultado em ata, atribui-se ao(à) aluno(a) a média final A, estando o(a) mesmo(a) Aprovada nessa atividade.

Campo para assinaturas

Professores:	<u>Luciani Guimarães Scalco</u>
	<u>Waleska Barbosa</u>
	<u>Simone B. de Oliveira</u>
Aluno(a):	<u>Flávia Pauch Pinto</u>

CIRCULOS RESTAURATIVOS E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA: RESTAURANDO RELAÇÕES EM FAMÍLIAS DE LGBTQIA+

Flavia Pazuch Pinto¹

RESUMO

O artigo objetiva apresentar o trabalho desenvolvido em círculos de construção de paz, na perspectiva de superação dos conflitos que causam danos nas famílias dos LGBTQIA+, usuários dos serviços do Movimento Girassol - Amigos na Diversidade na cidade de São Borja, e como a influência que os processos circulares pela metodologia da comunicação não violenta exercem sobre o comportamento informal desses usuários. É resultado de uma pesquisa de caráter qualitativo, tem-se a pesquisa documental e bibliográfica, com a análise de roteiros e relatórios de círculos restaurativos, desenvolvidos com famílias dos LGBTQIA+, acompanhadas pelo Movimento Girassol, no período de junho a setembro de 2019. Pauta-se pelo referencial teórico de autores e pesquisadores da área de gênero, e cultura de paz e Comunicação Não Violenta. Os resultados indicam que a ferramenta da Comunicação Não violenta desenvolvida nos círculos de construção de paz, com famílias e os próprios LGBTQIA+, contribui para reparar os danos causados pelos conflitos.

Palavras-chave: Círculos Restaurativos, Construção de Paz, Comunicação Não Violenta, LGBTQIA+, Família.

¹ Bacharel em Serviço Social, Especialista em Serviço Social e Direitos Humanos, Pós Graduanda na Especialização em Práticas de Comunicação Não Violenta e Cultura de Paz – Unipampa, Campus São Borja. flaviapazuch@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao observar a lacuna existente na produção acadêmica referente à aplicação dos processos circulares e da técnica de comunicação não violenta, bem como a aplicação de suas práticas juntamente com as famílias dos LGBTQIA+², no município de São Borja, buscou-se a viabilidade de execução de um projeto de pesquisa, com ênfase na disseminação do conhecimento sobre os Círculos de Construção de Paz e seu potencial de inspiração como metodologia de resolução de conflitos, e sua eficácia como instrumental redutor de danos ocorridos, decorrentes dos conflitos vivenciados por esta parcela da sociedade.

Para além dessas lacunas que oportunizaram o projeto de pesquisa, existe a motivação pessoal da autora, atuante na militância e no ativismo LGBTQIA+, no Movimento Girassol - Amigos Na Diversidade, agente no município de São Borja, e a oportunidade de trazer ao debate a necessidade de se pontuarem as particularidades dos conflitos, bem como os danos por eles causados. O trabalho tem como foco pontuar os fatores explicativos referentes à eficácia e os resultados da aplicação dos processos circulares nas famílias dos LGBTQIA+.

Ratifica-se a importância do projeto pelo pioneirismo ao abordar a aplicação dos círculos com famílias dos LGBTQIA+ e apontar os principais danos causados pelos conflitos familiares por meio das práticas restaurativas nas vidas desses usuários, assim como, incentivar outros alunos e profissionais da área a difundir e multiplicar o conhecimento acerca das práticas restaurativas, em especial, a aplicação dos círculos de construção de paz como recurso de enfrentamento e prevenção à violência, bem como a violação de direitos sociais.

Neste trabalho, são apresentados os fundamentos teóricos e orientações práticas dos círculos de Construção de Paz, e as estratégias de enfrentamento dos conflitos que causam danos nas famílias dos LGBTQIA+, atendidos pelo Movimento Girassol no município de São Borja, tendo como foco os conceitos interligados: Círculo, Encontro, Abertura, Diálogo (Escuta/Atenção e Pergunta), Suporte, e Restauração, bem como conceitos correlativos que atendem aos significados principais desta temática.

² LGBTQIA+: sigla que contempla pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero, cujo significado é – Lésbicas; Gays; Bissexuais; Travestis, Transsexuais e Transgênero; Queer/Questionando; Intersex; Assexuais/Aliados; Panssexuais/Polissexuais; e mais.

Os métodos restaurativos e circulares de reparação de conflitos e restauração de diálogo utilizam-se de modelos inovadores de tratamento das diferenças humanas e dos conflitos que delas resultam. A pesquisa é fruto da relevância crescente da necessidade de apontar os resultados da aplicação dos círculos de paz na resolução dos conflitos familiares, assim como enfatizar os danos causados pelos conflitos presentes nas famílias dos LGBTQIA+, identificando as suas particularidades, os danos causados, as características e aspectos que contribuem para soluções seguras e estruturadas, visando apontar os resultados da aplicação dos processos circulares com as famílias atendidas pelo Movimento Girassol.

O artigo fornece, por meio da metodologia de pesquisa qualitativa e bibliográfica, conclusões dos principais impactos dos círculos de construção de paz na transformação dos danos causados pelos conflitos nas famílias de LGBTQIA+. Orienta-se pelo método dialético crítico, articulando as categorias historicidade, totalidade e contradição, à categoria mediação, utilizando-se de análise de conteúdo com base em Bardin (1970).

2 CULTURA DE PAZ E CULTURA TRADICIONAL: DESAFIOS HISTÓRICOS

Quando abordada a cultura de paz, deve-se entender sobre a consciência permanente dos valores da não-violência social, ou seja, cultura de paz é uma prática muito além do que apenas construir a paz e solucionar conflitos ou oposições. De acordo com Galtung (1995), quando se trata de palavras tão ricas como “cultura” e “paz”, não se faz necessário, ou desejável, que se chegue a um consenso sobre o assunto, pois a diversidade da vida é parte da cultura. Gramsci (1977, p. 83) afirma que:

“A cultura é uma coisa bem diversa. É a organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse da própria personalidade, é conquista de consciência superior pela qual se consegue compreender o próprio valor histórico, a própria função da vida, os próprios direitos e os próprios deveres.” (GRAMSCI, 1977).

A partir dos escritos de Gramsci, pode-se fazer um link com a situação cultural brasileira, que conta com herança colonial e predomínio prático-paternalista e paternalista, dado ao fato de que, no Brasil, o homem é privilegiado, pois se vive em

um sistema machista e misógino, em que os homens possuem uma renda maior que mulheres, possuem direitos assistidos mais que as mulheres.

Ao tratar das opressões de gênero, é preciso enfatizar que o patriarcado reproduz a hierarquia caracterizada pela dominação masculina e que o poder masculino é exercitado por coerção e assentimento. O consentimento é concebido por religião, família, cultura, idioma, ideologia, folclore, literatura, educação, arte e todas as demais instituições culturais, que reproduzem a violência física, ao mesmo tempo em que esta é executada pela polícia, por homens, pelos exércitos, pela lei e pelos tribunais. No caso das mães dos LGBTQIA+, existe uma cobrança e uma culpabilização por conta da condição de gênero de seus filhos. “- *Meu marido me mandou escolher entre ele e minha filha trans. Quando disse que não abandonaria minha filha, ele falou que o menino virou nisso por culpa minha, que eu que não soube criar.* (Mulher, Circulo de diálogo, Agosto de 2019)”

A cultura é um aspecto simbólico da natureza humana e pode ser representada por meio de símbolos visuais ou sonoros, que são organizados de modo diacrônico ou sincrônico, através de músicas, fotos, pinturas, obras literárias, e recentemente pela TV, em tempo real ou de modo globalizado e interativo disponível através da internet. Galtung (1995, p.1) ressalta que “a cultura vai adquirindo vida própria, com sua própria lógica, no final acaba por representar nada se não ela mesma”. Pode-se dizer que a cultura passa por processos evolutivos que faz com que ela se reproduza a partir do encontro com outras culturas que, segundo o autor, “brotam como vírus” e são acolhidas e processadas pela mente humana, que acaba por se programar e reproduzir uma série de comportamentos e linguagens que, ocasionalmente, somam ou substituem algo.

Galtung (2003) descreve que esse conceito de violência cultural diz respeito aos aspectos da cultura, ao “âmbito simbólico da nossa existência (materializado na religião e ideologia, língua e arte, ciências empíricas e ciências formais – lógica matemáticas –), que são utilizados para justificar e legitimar a violência, seja ela pessoal ou estrutural.” (p. 261). De maneira contrária, a paz cultural refere-se aos “aspectos de uma cultura que servem para justificar e legitimar a paz direta e a paz estrutural.” (Galtung, 1996, p. 261). Esse processo resulta em uma enorme e diversa quantidade de cultura, seja ela escrita ou falada, ou através de comportamentos e práticas que exigem competências específicas, de emissores e receptores. O autor compara o processo cultural ao processo das finanças e economia real, que precisa

ter algum tipo de sincronia com sua própria lógica. Segundo o autor, os humanos não vivem só de pão e nem somente de palavras e símbolos (GALTUNG, 2003, p.1).

“Se há cultura demais, em relação aquilo que ela representa, teremos inflação, um estado de “sobreculturação”, e se há cultura de menos, teremos um estado de “subculturação”, ou escassez de significado. Muitas vezes falamos do desgaste de certas palavras, como acontece com a palavra “paz”, para não mencionar a palavra “amor” que são ditas sem lastro de valor real. A paz da guerra fria é um exemplo disso. Tal fenômeno pode resultar em falta de confiança e numa “quebra” da bolsa cultural: algumas palavras como as ações das empresas, passam a não valer nada.” (GALTUNG, 2003)

A economia e a cultura vêm desenvolvendo um duplo papel nos dias atuais, para Galtung (2003), o silêncio é ouro, e as palavras são prata que se constituem, ao mesmo tempo, em um bem real e financeiro, ambos tendo seu próprio contra valor, que vem a ser a “realidade real”, obviamente uma ação real e não meramente simbólica. A cultura oferece aos indivíduos que, segundo o autor, são carentes de instintos, um mapa de realidade virtual que serve para orientar os seres humanos para a “realidade real”, como um programa de computador ou um código genético. Ou seja, desde sempre, os processos culturais vêm se transformando e mudando de acordo com o tempo e com as condições de acesso dos indivíduos, levando em consideração que uns têm maior e melhor acesso que outros. A cultura está diretamente relacionada às condições econômicas e estruturais vigentes nos sistemas sociais vivenciados pelos sujeitos. Vive-se em um mundo capitalista e globalizado, que dá acesso ao modo tradicional de cultura, que tem uma visão desgastada da palavra paz associada a alguns pontos que serão abordados a seguir.

Vive-se em uma sociedade em que a fluidez das relações e a rapidez da globalização levam, cada vez mais, ao isolamento e ao egoísmo. Isolamento causado pelo pouco tempo que sobra, pelas telas dos eletrônicos, pela exaustiva jornada de trabalho ou de estudos, isolamento de sentir-se a si mesmo, suas necessidades e as necessidades dos outros. Essa situação desenvolve uma inabilidade de lidar com a vida, com a diversidade humana e cultural, em contrapartida com a constatação de que os seres que vivem em sociedade, e isso significa que precisam de fato relacionar-se para viver.

Galtung (2005) trabalha com conceitos de paz e violência cultural, trazendo a cultura como a particularidade humana geradora de conflitos dos mais simples aos mais violentos. Dessa forma, a formação, manutenção ou transformação de conflitos estão relacionados às dimensões simbólicas da cultura.

“A paz é, obviamente, a ausência de violência de todos os tipos - direta (física e também verbal), estrutural, cultural - dirigida contra o corpo, a mente ou o espírito de um outro ser, humano ou não. Uma concepção mais pragmática e dinâmica da paz seria: a paz é a condição que permite aos conflitos serem transformados de maneira criativa e não-violenta. O foco se volta assim para o conflito, deixando de lado a paz. A paz se torna o contexto (interno e externo) que propicia uma forma construtiva de lidar com o conflito, que é a condição humana capaz de servir tanto de Criador como de Destruidor.” (GALTUNG, 2003, p. 2)

Nesse contexto, Pureza (2000, p. 35) afirma que se vivem tempos de incertezas, tempos em que é preciso reinventar as políticas não mais como a arte do possível, mas sim, como a arte do impossível.

2.1 A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE PAZ

A Comunicação Não-Violenta é uma técnica de aprimoramento comunicacional desenvolvida por Marshal Rosenberg, na década de 70, do século XX. Marshal, a partir de suas diferentes pesquisas sobre violência, identificou que a violência se manifesta e se reproduz pelo sistema de linguagem.

“De acordo com os estudos do psicólogo Piñuel (2008), atualmente somos tão violentos ou quem sabe mais do que antigamente, porém nossa maneira de expressar a violência tornou-se, aparentemente, mais sociável ou respeitável. A era das guerras e da violência física direta tem dado lugar à era da violência psicológica, que é servida diariamente nos canais de comunicação em meio a uma sociedade hipnotizada pela mentira fundamental de que a violência psicológica é menos prejudicial do que a física. Para Piñuel, a violência psicológica baseia-se na exclusão, na estigmatização ou na violência verbal. Mesmo sendo algo tão imaterial e invisível, a violência psicológica produz feridas profundas na alma humana, podendo, inclusive, levar as pessoas a estados graves de depressão, transtorno de ansiedade, ataques de pânico e, não raras vezes, ao suicídio. A violência psicológica é a tônica das relações sociais da atualidade.” (CAPPELLARI, 2012, p. 8)

Pode-se constatar, no que diz respeito à população LGBTQIA+, que as questões de violência psicológica, estigmatização e, até mesmo, violência física, são muito pontuais, dado ao fato de que essa parcela da população vem sofrendo rejeição desde seu núcleo familiar, escola, trabalho e sociedade em geral. Essas expressões de violência, em sua maioria psicológica, ficam claras nos diálogos trazidos para o círculo, como referem participantes:

“ A minha vida inteira eu ouvi dos meus tios que sou a vergonha da minha família. Sempre esperei ser respeitado, infelizmente isso nunca veio.” (Homem trans, 30 anos, círculo do respeito, setembro de 2019).

“– Não é fácil ouvir do seu próprio pai que você é uma vergonha. Pior ainda é ver sua mãe apanhar por te defender.” (Mulher trans, 26 anos, círculo do respeito, setembro de 2019).

A partir das descobertas de Rosenberg, deu-se início à construção de um método de comunicação denominado de CNV. A comunicação não violenta é mais que uma simples teoria, é um novo paradigma sobre novas formas de se relacionar, e se desenvolve a partir quatro dimensões práticas que, necessariamente, desafiam para a escuta empática.

Usando a comunicação não violenta, as pessoas se voltam para o que observam, sentem, precisam e, assim, conseguem expressar especificamente o que as magoam, ou causam dano, sem precisar apontar o erro na conduta do outro.

“[...] já que vivenciamos uma atualidade onde a grande maioria tem seu comportamento voltado para a competitividade violenta, como pode ainda existir pessoas que não perderam seu comportamento compassivo mesmo nas situações mais extremas?” (ROSENBERG, 2016).

Foram esses questionamentos que levaram o autor a identificar que uma forma específica de comunicação não violenta conta com quatro passos que são: observar sem julgar, nomear os sentimentos, identificar e nomear as necessidades, e formular pedidos claros e viáveis. A partir do propósito de um entendimento que facilita a harmonização das próprias necessidades com as das outras pessoas, passa a existir a possibilidade de uma mudança de foco, deixando de se ater aos próprios erros e aos erros do outro, passando a contemplar as necessidades de

todos. Essa mudança de foco poderá contribuir significativamente para o gerenciamento e a expressão de emoções sem agressões.

A comunicação não violenta propõe uma transformação na maneira que se olham as pessoas e a si mesmos, para entender as situações de outro modo empático e sem juízos de valor, entendendo que, em um processo conflitivo, não existem culpados e vítimas, e sim responsáveis e corresponsáveis, de modo que se compreenda que é possível viver uma vida não violenta e de fato comprometida com a qualidade dos relacionamentos interpessoais.

Visto isso, observa-se que a comunicação não violenta é fundamental para transformar conflitos em situações de cooperação voltadas para uma educação para a paz, na busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Praticar uma comunicação não violenta no universo intrafamiliar LGBTQ+ tem se constituído em um dos principais desafios para a resolução de conflitos oriundos da cultura patriarcal brasileira, que gera diferentes formas de violência e estão presentes na estrutura da sociedade, materializadas nas categorias gênero, classe e raça. Nunca foi tão urgente falar e lutar pela implementação de uma cultura de paz que supere a cultura tradicional instituída, enraizada e que se prolifera nos espaços formais e informais da educação brasileira.

2.2 CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ: CONHECER PARA PRATICAR

Círculos de construção de paz são técnicas de restauração de diálogos, desenvolvidas em um local seguro, com referências que acessem a memória afetiva dos participantes através de representações relacionadas a cada caso específico, que são trazidos para o centro do círculo, servindo também como um apoio, para que os participantes possam ter um lugar para onde olhar e refletir. É um processo totalmente voluntário e laico, embora tenha referências das tribos indígenas e aborígenes. O processo circular não segue nenhum tipo de doutrina ou religião, trabalha apenas com aspectos e elementos naturais e cotidianos da vida das pessoas.

“O círculo é um processo estruturado para organizar a comunicação em grupo, à construção de relacionamentos, tomada de decisões e resolução de conflitos de forma eficiente. O processo cria um espaço à parte de nossos modos de estarmos juntos. O círculo incorpora e nutre uma filosofia de relacionamento e de interconectividade que pode nos guiar em

todas as circunstâncias – dentro do círculo e fora dele. [...] O círculo é um espaço intencional formatado para: apoiar os participantes a apresentarem seu “eu verdadeiro” – ajudá-los a se conduzirem com base nos valores que representam quem eles são, quando eles estão no seu melhor momento. Fazer com que nossa interconectividade fique visível, mesmo em face de diferenças muito importantes. Reconhecer e acessar os dons de cada participante. Evocar a sabedoria individual e coletiva. Engajar os participantes em todos os aspectos da experiência humana – mental, física, emocional e espiritual ou na construção de significados. E praticar comportamentos baseados nos valores quando possa parecer arriscado fazê-lo. Quanto mais as pessoas praticam este comportamento no círculo, mais estes hábitos são fortalecidos para levar o comportamento para outras partes de suas vidas.”. (PRANIS, 2011, p. 35).

Os processos circulares, juntamente com a Comunicação não violenta (CNV), têm adquirido crescente importância nas novas formas resolução de conflitos e de reestabelecimento de vínculos nas mais diversas esferas sociais brasileiras. São métodos alternativos auto compositivos que se desenvolvem pela mediação e a escuta atenta, na busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Têm na categoria educação, sua principal base de atuação. Educação pela qual os indivíduos entendam que devem se respeitar por serem seres humanos, independente de orientação sexual, raça, cor ou religião. Uma educação que prepare as pessoas para respeitar e não violentar o próximo, em que possam conviver harmonicamente sem juízos de valores, sem que seja necessária a existência de leis que obriguem o respeito de modo coercitivo, e que o respeito seja algo natural, que se aprende e faça parte da cultura de não violência.

Os círculos de construção de paz, ou os círculos restaurativos, são modelados a partir da perspectiva de Justiça Restaurativa³, elaborados pelos autores Pranis & Boyes (2011). Cabe descrever que os modelos vigentes de círculos descritos por tais autores e seus respectivos países, não foram feitos para serem imitados à risca, precisam adaptar-se às culturas e aos métodos dos facilitadores, bem como ao contexto/tempo em que estão sendo vividos. Eles têm regras básicas claras, contudo, têm alguma flexibilidade; e não se pode prever o que ocorrerá, como tal no ambiente, antes (pré-círculo), durante e depois do círculo (pós-círculo). Existem vários tipos de técnicas de círculos, mas o termo mais conhecido, no âmbito crescente da Justiça Restaurativa, é “Círculos Restaurativos”, “Práticas Circulares” para ampliar o alcance, ou também “Círculos de Paz”, visto que as práticas circulares não são utilizadas somente no âmbito de uma justiça restaurativa criminal,

³ A Justiça Restaurativa (JR) é uma nova forma de lidar com a questão dos conflitos e dos crimes, centrada mais nas pessoas e nos relacionamentos do que nas questões jurídicas.

mas também em práticas restaurativas das mais diversas, tais como reintegração, perdas, danos morais, questões de sexualidade, conflitos escolares e outros. Muitas questões importantes e profundas estão por trás dessas palavras, desde que se entenda a paz como capacidade de lidar bem com a vida, com a realidade e os conflitos na pragmática da interação social cotidiana, bem como, entendem-se as questões emocionais como dimensão profunda dos conflitos e base para o “ser no mundo” do sujeito e, portanto, a qualidade de suas relações e (des) encontros consigo, com os outros e com o ambiente familiar.

Observa-se um momento na sociedade ocidental contemporânea um aumento considerável da violência e individualismo, mesmo os debates atuais sendo baseados em democracia, inclusão e igualdade de direitos. As relações interpessoais estão repletas de conflitos que geram danos gravíssimos nos relacionamentos não estruturados. As relações familiares de LGBTQIA+ são exemplos intensos de conflitos que são resultantes de expectativas não alcançadas, bem como o medo do diverso e desafios relacionados a questões de identidade de gênero.

2.3 OS CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ COM FAMÍLIAS LGBTQIA+

A Girassol - Amigos na diversidade, movimento social organizado, atuante no município de São Borja, oferece os mais variados serviços sociais e de prevenção à saúde individual e coletiva há 12 anos. Nas suas diversas atividades relacionadas às questões voltadas para justiça de gênero e bem estar social, vem desenvolvendo grupos de convivência voltados para as mães da diversidade, visando restaurar relações e facilitar o diálogo entre as famílias, como aponta Pelizzoli (2012, p.1) sobre o ato de comunicar-se:

“Comunicar-se é nada menos que o ápice do fato da vida estabelecer-se como relação. Somos seres num mundo vital, sistêmico, onde os indivíduos encontram sentido apenas em relação, relacionados desde seu corpo e alma, a ponto de não se poder identificar um indivíduo de modo isolado a não ser por uma operação artificial. [...] A comunicação, como linguagem, deve ser entendida primeiramente como dimensão ontológica (essencial, constitutiva), e não apenas instrumento para o ser humano entrar em contato com outrem por meio da fala.” (PELIZZOLI, 2012, p. 1)

No decorrer dos processos dos grupos de apoio, percebeu-se que havia falhas na comunicação entre as mães para com seus filhos LGBTQIA+, por falta de informação, tabus e sofrimentos resultantes dos processos de violência psicológicas vividos por essas mulheres. Por outro lado, observou-se que elas eram e são o respaldo e a segurança de seus filhos, e que restaurar esse diálogo poderia reacender todo o amor que existe e que, de certo modo, está limitado por conta das questões de gênero mal resolvidas e estigmatizadas.

Ao rejeitar os filhos com todo o seu potencial, por conta das questões de moralismo ou juízos de valores, oriundas de uma cultura patriarcal e patrimonial, em que se aprende pela reprodução de comportamentos machistas, querem dizer que o amor falhou e que é necessário restaurar esse amor através do diálogo, da escuta sensível e do espaço seguro, que é proporcionado pelo círculo, espaço este, de autoconhecimento, respeito mútuo e troca de vivências e saberes.

As práticas circulares foram aplicadas com um grupo de mulheres entre seis a dez, grupos estes compostos por mães de LGBTQIA+ que residem no município de São Borja, onde foram aplicados cinco círculos dos meses de abril a agosto do ano de 2019. Embora vindas de culturas e diferentes posições sociais, essas mulheres dividem os mesmos medos e anseios provenientes da falta de informação e, principalmente, expressões das desigualdades provindas da heteronormatividade predominante na sociedade. Nas práticas circulares, em que foram realizados três pré-círculos e cinco círculos, foram desenvolvidos os roteiros de autoconhecimento, respeito, tabela de gênero, lidar com perdas e conexão familiar, e foram analisados os principais objetivos do projeto quanto à eficácia da aplicação desses círculos de construção de paz, com o intuito de superar os conflitos causadores de danos nas famílias dos LGBTQIA+ e a influência que essas práticas circulares exerceram no comportamento desses usuários, na restauração do diálogo e no comportamento social. É importante ressaltar, que todo o trabalho da Girassol é pautado pelo entendimento de família, a partir da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que apresenta o conceito de família

referindo-se a grupos de pessoas com laços consangüíneos e/ou alianças e ou/afinidades, cujo vínculo circunscreve obrigações recíprocas, estando respaldada em torno das relações de gênero e de geração (PNAS, 2005) sendo o lócus primário de socialização, aprendizagem e desenvolvimento de capacidades humanas.” (SOUZA, 2010, p. 2)

É como esses grupos familiares que tem se desenvolvido trabalhos de fortalecimento e resgate de vínculos familiares através dos processos circulares.

No **círculo de autoconhecimento**, objetivou-se oportunizar que essas mulheres, com tantas histórias em comum, pudessem conhecer a si próprias e às outras em dimensões diferentes, não experimentadas normalmente nas interações do dia a dia, bem como praticar a escuta com concentração, construir relacionamentos, conhecer-se através da contação das histórias de vida. Foi fundamental para que essas mães e filhos LGBTQIA+ pudessem trocar experiências e conhecer outras vivências. Observou-se que elas nunca antes tinham dialogado sobre essa temática e nem, tampouco, tido esse diálogo com seus filhos LGBTQIA+. Nesse círculo, surgiram aspectos de negação e desentendimento, visto que, embora convivam juntas, não conhecem a realidade uma da outra.

“– Pra mim, ele sempre demonstrou ser um menino normal, nunca cheguei a pensar que teria um filho gay dentro de casa. [...] Eu gosto, acho até bom. Ele me ajuda a limpar a casa, ajuda me maquiagem (risos).” (Mulher, 45 anos, Círculo do autoconhecimento, agosto de 2019).

A oportunidade de falar de suas próprias expectativas referentes aos filhos apresenta elementos de aceitação e negação. A fala do sujeito demonstra a cultura machista presente no cotidiano das relações, com tarefas denominadas historicamente de tarefas delegadas à mulher.

O **círculo de respeito** teve por objetivo explorar o valor do respeito da maneira mais profunda, voltado para as diferenças apontadas no primeiro círculo, os participantes descreveram a dificuldade de estabelecer o respeito, visto que, não há comunicação saudável entre a família, pois se sentem constrangidos em abordar as questões referentes à identidade de gênero e condição sexual com seus familiares. Novamente, surgiram aspectos de negação e falha de comunicação. Na geração de valores, surgiram conflitos relacionados às formas violentas de diálogos (gritos), refletidos nas falas dos sujeitos participantes.

“– Eu não te criei pra isso! Eu acho que tu deveria me respeitar! Precisa andar por aí vestido de mulher? (Mulher, 50 anos, círculo do respeito, agosto de 2019).

– Te respeitar? Nem aquele macho que tu anda não te respeita! Bebe o dia inteiro e vem querer me cobrar as coisas!”. (Mulher trans, 27 anos, círculo do respeito, agosto de 2019).

“Insultos nada mais são que as expressões trágicas de necessidades insatisfeitas. Os praticantes da Comunicação Não Violenta sabem que não existe normal, anormal, certo, errado, bom nem ruim. Sabem que tudo isso é produto de uma linguagem que treinou as pessoas a viver sob o comando de um rei. Se quiser treinar pessoas para serem dóceis diante da autoridade, para se encaixarem em estruturas hierárquicas de maneira subserviente, é importantíssimo fazer com que elas usem a cabeça para pensar no que é “certo”, no que é “normal”, no que é “adequado” e dar à autoridade elevada o poder de definir tudo isso.” (ROSEMBERG, 2019, p. 74)

Para a comunicação não violenta, de acordo com Rosemberg (2019, p. 74), sabe-se “que a base da violência é estar sofrendo e não saber dizer isso com clareza”. O papel dos círculos de construção de paz é possibilitar a criação de um ambiente seguro em que as verdades possam ser ditas, refletidas de maneira em que, aos poucos, o diálogo “tradicional” violento possa se transformar em uma conversa, em que se façam presentes sentimentos como a empatia e valores como o respeito.

O **círculo tabela de gênero** objetivou explorar os estereótipos masculino e feminino, e a pressão dessas mensagens sociais na imagem que alguém tem de si mesmo. Os filhos puderam expressar o quanto é difícil encontrar-se fora dos padrões e expectativas sociais. Da parte das mães, estas evidenciaram o quanto é difícil o processo de aceitação, visto que, ao aceitar o filho LGBTQIA+, sentem a dor da perda da projeção do filho idealizado no ventre, como se fosse um estado de luto.

“– Quando eu olho para trás, penso na vida que eu imaginava que ele iria ter. Foi uma alegria imensa quando eu soube que ia ter um menino. A compra do enxoval azul foi junto com a minha cunhada, ela que me ajudou a escolher. Hoje a (filha transexual) me dá muito orgulho. A pesar de ter sofrido durante o processo de transição, passamos por isso juntas. Amo muito a minha filha.” (Mulher, 52 anos, círculo tabela de gênero, setembro de 2019).

A maturidade feminina, provocada pelas dores do cotidiano da vida, demonstra na fala da participante do círculo, que a vida é muito mais do que padrões patriarcais heteromativos. Entender e aceitar a diversidade presente no gênero humano é uma necessidade de todos os tempos. No entanto, nos dias atuais, há maior abertura para a “aceitação”, pelo fato de existência de legislações que exigem que não haja discriminação e preconceito. Mas, do ponto de vista cultural, ainda há muito por caminhar.

O **círculo como lidar com a perda** objetivou identificar perdas nas vidas dos participantes e o impacto dessas perdas em suas vidas, ficou evidenciado que a principal perda, relacionada às questões de conflitos familiares LGBTQIA+, entre os principais está a perda do diálogo, perda da convivência, e que muitos LGBTQIA+ acabam se afastando de suas famílias, saindo de casa, conseqüentemente, colocando-se, muitas vezes, em situações de risco, que podem resultar na perda da própria vida.

“ – Sabe (facilitadora) que não foi fácil quando recebi a notícia. Eu estava assistindo à novela, era quase dez horas da noite, uma amiga dele me ligou. Essa menina, morava com ele em um apartamento em uma cidade. Quando ela me ligou chorando, eu já senti que alguma coisa não estava certa. Ela disse que o (filho gay) tinha sido assaltado, que tinham batido muito nele. Roubaram o telefone e a carteira dele. O socorro demorou muito pra ir tirar ele da rua. Quando ele chegou no hospital ele não tinha resistido. Ele morreu no caminho. Até hoje eu sinto a falta dele e não é fácil superar isso. A gente nunca supera a morte de um filho.” (Mulher, 48 anos, círculo como lidar com a perda, setembro de 2019).

A perda é algo rotineiro nas famílias LGBTQIA+. Começa pela perda da expectativa do gênero, a dimensão física não corresponde à dimensão da identidade pessoal. Segue pela perda da própria dignidade, reforçada pelos preceitos arraigados na cultura tradicional. Perpassa pela perda da própria família materializada na fragilização dos vínculos, no distanciamento físico e afetivo, na vergonha da não correspondência com os padrões sociais. Perde-se a vida, fruto da violência cultural e estrutural brutal correspondida por milhões de brasileiros.

O último, **círculo conexões familiares**, o objetivo foi fortalecer o respeito e a compreensão entre os membros da família e aumentar a conscientização do nível de cuidado de uns pelos outros. Até o presente roteiro analisado, foi possível perceber um processo evolutivo de conexão e restabelecimento de diálogo entre as partes. O principal ponto citado, referente à questão relacionada à comunicação difícil e conturbada, teve melhora considerável, bem como a retomada de vínculos respeitosos e afetivos entre as partes.

Nesse último círculo, já estabelecido um vínculo no decorrer de tantas revelações, durante a atividade principal, pediu-se para que cada mãe dissesse algo sincero e importante para seu filho, e vice-versa. Foi quando uma das mães dirigiu-se à sua filha com um pedido de desculpas, dizendo arrepende-se de não ter sido a mãe que ela gostaria. “ – *Filha, me desculpa por não ter sido a mãe que tu merecia. Se eu pudesse, voltava no tempo e teria te protegido mais.*”(*Mulher, 51 anos, círculo conexões familiares, setembro de 2019*). Ao passar o objeto da palavra para a filha, ela respondeu: “ – *Eu não quero as suas desculpas, apenas gostaria que a senhora realmente se colocasse no meu lugar, e me aceitasse como eu sou. E daqui para a frente ficaria tudo bem.*” .”(*Mulher trans, 29 anos, círculo conexões familiares, setembro de 2019*)

Ao analisar a fala dos participantes, pode-se identificar o que Rosemberg (2019, p. 84) denomina como “os quatro estágios da cura” através da comunicação não violenta. É importante ressaltar quando se fala em cura, Rosemberg (2019) refere-se a relações adoecidas pela violência e dor presentes no modo cultural que usamos para nos comunicar. O autor denomina esse processo de “Superando a dor entre nós: Cura e reconciliação sem concessões”, em que o processo concentra-se em reparar relacionamentos adoecidos e desenvolve aos participantes a habilidade de entender e resolver os conflitos, curar antigas feridas e desenvolver relações satisfatórias usando a comunicação não violenta, cuja estratégia usada para colocar em prática é os círculos restaurativos.

Segundo Rosemberg (2019, p. 84), o primeiro estágio da cura é a conexão empática. Esse estágio consta em por o foco no que está vivo, agora, não no que aconteceu no passado. Ou seja, trazer os participantes para uma conversa em que se fale do presente para frente, buscando não focar no passado. Esse primeiro estágio implica despertar a empatia pela situação que está presente, agora. Para o

autor, a maior dádiva que um ser humano pode dar ao outro é a presença. É importante lembrar que “Na empatia estamos com os sentimentos do outro. Isso não significa que o sentimos.”. É preciso estar presente diante dos sentimentos fortes.

Quanto ao segundo estágio, denominado “Luto na Comunicação Não Violenta”, cujo principal objetivo é demonstrar que realmente se sente dor por ter causado dor. Demonstrar o luto diferencia o processo de reconciliação de um pedido de desculpas. Para o autor (Rosenberg, 2019, p. 90), um pedido de desculpas é um ato muito violento, que se aprende culturalmente a desejá-lo. As desculpas baseiam-se em um julgamento que aponta que uma das partes fez algo de errado. Àquele que vivencia o pedido de desculpas, tanto para quem pede, quanto para quem o recebe, acaba por vivenciar um sentimento de culpa e/ou dor. No momento em que se vivencia e demonstra verdadeiramente o luto por ter causado sofrimento, demonstra-se ao outro, de maneira verdadeira, que está presente mediante ao sentimento que causou e, desse modo, as desculpas deixam de ser necessárias.

O terceiro estágio é o “Reconhecimento das necessidades passadas”. Ocorre quando os participantes reconhecem, ao rever o conflito, uma consciência sobre as necessidades não atendidas. E o quarto estágio do processo de cura é a “Empatia Reversa”, que ocorre quando se vira a empatia ao contrário. Segundo Rosenberg (2019, p. 94), esse processo é muito importante no processo de cura e restauração das relações. Consiste em alcançar a empatia pela pessoa cujo ato estimulou a dor no outro.

CONCLUSÃO

Os principais danos causados pelos conflitos, que variam desde violência física à verbal, são resultantes da falta de informação e diálogo seguro e estruturado. Os círculos de paz são comprovadamente eficazes no que diz respeito à restauração das relações interpessoais sociais e afetivas das famílias LGBTQIA+.

O círculo de construção de paz é, acima de tudo, um lugar para construir relacionamentos. Sendo assim, a aplicação dessas práticas de forma contínua, acompanhada das técnicas da comunicação não violenta, resultam em um espaço em que os participantes se conectam uns com os outros. Isso inclui não só a conexão entre o facilitador e os participantes, mas também as mães da diversidade junto dos seus filhos LGBTQIA+.

A prática do círculo familiar pode ajudar a fortalecer uma família, possibilitando chances de reconhecer os valores de seus próprios recursos. Desse modo, os círculos de construção de paz são oportunidades para melhorar a comunicação dentro e fora do círculo, para adquirir habilidades e hábitos de escuta ativa, bem como a habilidade de compartilhar sentimentos e pensamentos com a intenção de formar relacionamentos saudáveis fora do círculo.

RESTAURANT CIRCLES AND NON-VIOLENT COMMUNICATION: RESTORING RELATIONS IN LGBTQIA + FAMILIES

Abstract

The objective of this paper was to analyze the explanatory factors regarding the effectiveness of the application of peace building circles in overcoming the conflicts that cause damage to LGBTQIA + families, users of the services of the Girassol Movement - Friends in Diversity in the city of São Borja, as well as as the influence that the application of circular processes and nonviolent communication have on the informal behavior of these users. Being a qualitative research, there is the documentary and bibliographical research and the analysis of scripts and reports of circles applied to LGBTQIA + families in the Girassol Movement. The theoretical framework was organized to answer the research questions with authors and researchers from the area of gender and culture of peace. The results will indicate the main factors that imply the effective implementation of peace-building circles with LGBTQIA + families and how they can serve to repair the damage caused by conflict.

Keywords: Circles, Peacebuilding, Nonviolent Communication, LGBTQIA +, Family

REFERÊNCIAS

CAPPELLARI, Jéferson. **ABC do Girafês: Aprendendo a ser um comunicador emocional eficaz**. Curitiba: Multideia, 2012.

GALTUNG, Johan. **Peace By Peaceful Means**. London, Sage, 1995.

GALTUNG, Johan. **Paz por medios pacífico: paz y conflicto, desarrollo y civilización**. Bilbao: Bakeaz, 1996.

GALTUNG, Johan. **Paz Cultural: Algumas Características**. London, Palas Athena, 2003. Acessado em 04/08/2019. Disponível em:
<http://www.palasathena.org.br/arquivos/conteudos/Paz_Cultural_Johan_Galtung.pdf>

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**. Lisboa: Seara Nova, 1977, v. 1, p. 83 apud RUIZ, Erasmo Miessa. **Marxismo, indivíduo e personalidade: Perspectivas em Antonio Gramsci**. In: MENEZES, Ana Maria Dorta et al. (Orgs.). *Op. cit.*, p. 79.

MOJAB, Shahrzad (ED.) **Marxism and Feminism**. Zed Books London, 2015.

PELIZZOLI, Marcelo L. **Diálogo, mediação e cultura de paz**. Recife: Ed. Da UFPE, 2012.

PRANIS, Kay. **No coração da esperança: guia de práticas circulares**. Porto Alegre, Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

PUREZA, José Manuel. **Estudos sobre a Paz e Cultura da Paz**. Intervenção proferida no âmbito do Colóquio “Prevenção de Conflitos e Cultura da Paz”, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, Julho 2000.

ROSENBERG, Mashall B. **Comunicação Não Violenta. Técnicas para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais**. São Paulo, Ágora, 2006.

ROSENBERG, Marshall B. **Vivendo a comunicação não violenta**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

SOUZA, Fátima de Oliveira. **A Centralidade da Família no Sistema Único de Assistência Social e Questões de Gênero**. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Agosto 2010.

TAVARES PAES LOPES, Felipe. **Os conceitos de paz e violência cultural: Contribuições e limites da obra de Johan Galtung para a análise de conflitos violentos**. Athenea Digital. *Revista de Pensamiento e Investigación Social*, vol. 13, núm. 2, julio, 2013, pp. 169- 177 Universitat Autònoma de Barcelona Barcelona, España. Acessado em 15/08/2019. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53728035010>>.